
A COBERTURA JORNALÍSTICA DA POSSE DE JAIR BOLSONARO NOS PORTAIS G1 E UOL ¹

THE NEWS COVERAGE OF JAIR BOLSONARO'S INAUGURATION ON G1 AND UOL NEWS SITES

Terezinha Silva ²

Gabriela Cavalcanti Carneiro de Almeida ³

Thais Araujo de Freitas⁴

Ricardo Borges Leite ⁵

Resumo: Este artigo é parte de uma pesquisa ampla, em fase de conclusão, que investiga a cobertura jornalística da posse presidencial de Jair Bolsonaro. Para o trabalho aqui apresentado, buscamos identificar como portais de notícias realizam a cobertura jornalística de um acontecimento político programado, em um contexto no qual a internet e redes digitais são apontadas como possibilidades para enriquecer a produção jornalística, ampliar a participação e a expressão de diferentes atores e perspectivas. Tomamos como objeto empírico as notícias produzidas e publicadas pelos portais G1 e UOL, compondo o corpus de 86 textos. A análise mostra uma cobertura jornalística com ênfase no factual, pouco aprofundamento na apuração e baixa diversidade de fontes e de interpretações sobre os significados da posse de Jair Bolsonaro.

Palavras-Chave: Jornalismo e política. Cobertura jornalística. Posse de Jair Bolsonaro. Portais de notícia.

Abstract: This article is part of a larger research project, in its conclusion phase, which investigates the news coverage of Jair Bolsonaro's presidential inauguration. For the work presented here, we seek to identify how news portals perform the journalistic coverage of a scheduled political event, in a context in which the internet and digital networks are pointed as possibilities to enrich journalistic production, expand participation and the expression of different actors and perspectives. We took as empirical object the news produced and published by the news sites G1 and UOL, composing a corpus of 86 texts. The analysis shows news coverage with an emphasis on the factual, little in-depth investigation, and low diversity of sources and interpretations about the meanings of Jair Bolsonaro's inauguration.

Keywords: Journalism and politics. News coverage, Inauguration of Jair Bolsonaro. News sites.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Jornalismo Político da 9ª Edição do Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (9ª COMPOLÍTICA), realizado em formato remoto, de 24 a 28 de maio de 2021.

² Doutora em Ciências da Comunicação pela UFMG e pela Université Paris Nanterre (co-tutela) e professora do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC.

³ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Jornalismo da UFSC.

⁴ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Jornalismo da UFSC.

⁵ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Jornalismo da UFSC.

1. Introdução

A posse de um novo presidente eleito é tradicionalmente considerada de grande relevância social e jornalística. Trata-se de um acontecimento programado que desperta expectativas na sociedade e demanda maior mobilização de diferentes mídias e profissionais da imprensa na preparação e realização da cobertura. Em 1º de janeiro de 2019, a posse de Jair Bolsonaro (então no PSL) na presidência da República ocorreu em um contexto social marcado por forte polarização política, consequência de outros acontecimentos políticos marcantes do período, como o golpe que destituiu a presidente Dilma Rousseff (PT), em 2016, e o controverso processo judicial que prendeu o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), em 2018, e o retirou da disputa eleitoral daquele ano, vencida por Bolsonaro. Além da polarização no cenário político, a chegada do ex-capitão do Exército à Presidência ocorreu em um contexto midiático marcado por fatos e transformações também relevantes. Entre eles, cita-se o próprio questionamento sobre o papel das mídias jornalísticas nos acontecimentos que resultaram na eleição de Bolsonaro, a indústria de *fake news* que potencializou sua vitória e a centralidade que as interações via internet e redes sociais digitais assumiram nos diálogos cotidianos, na disputa política e também na produção jornalística.

Tal contexto nos motivou a pesquisar a cobertura realizada por diferentes mídias jornalísticas (portais de notícia, revistas e jornais) sobre a posse e chegada de Bolsonaro à presidência da República. O artigo aqui proposto é parte dessa pesquisa mais ampla, em fase de conclusão⁶. O presente estudo toma como objeto empírico os dois principais portais de notícias no Brasil – o *G1* e o *UOL* – justamente pelo interesse em investigar como duas mídias representativas do jornalismo digital realizam a cobertura de um acontecimento com a significação e as consequências políticas e sociais como a posse de Bolsonaro, em um contexto no qual a internet e

⁶ Pesquisa desenvolvida no âmbito do Grupo de Pesquisa *Transverso* – Estudos em Jornalismo, Interesse Público e Crítica (PPGJOR/UFSC).

as redes digitais são apontadas como possibilidades para enriquecer a produção jornalística, ampliar a participação e a expressão de diferentes atores e perspectivas. O *corpus* é constituído por 86 textos jornalísticos publicados pelos portais – 37 pelo G1 e 49 pelo UOL. Nosso objetivo é discutir, para além dos elementos característicos dos produtos do jornalismo digital e de portal, transformações e possibilidades anunciadas para a atividade jornalística neste ambiente, sobretudo no que diz respeito à apuração e mobilização de fontes de informação na cobertura de um acontecimento político.

2. Jornalismo digital e cobertura da política

Para discutir a cobertura jornalística da política em portais de notícias, é importante recuperar alguns elementos que caracterizam o jornalismo na web, desafios e potencialidades que têm sido apontadas, a partir dos anos 90, para a produção jornalística no ambiente online. Na pesquisa em Jornalismo, é relativamente consensual a compreensão de que as novas tecnologias de comunicação e de informação, especialmente a partir do maior acesso à internet e às redes sociais digitais, provocaram transformações significativas nos modos de produção, circulação e recepção de produtos e conteúdos. Como lembrado por Deuze e Prenger (2018), historicamente a tecnologia tem amplificado e acelerado tendências da indústria da mídia, mas, nas décadas recentes, sua influência é ainda mais central na forma como os conteúdos midiáticos são produzidos, distribuídos e experimentados pelas audiências.

No jornalismo, tais transformações têm se manifestado de diferentes modos e em distintos estágios de desenvolvimento de seus produtos para o ambiente digital, já identificados e caracterizados por autores como Pavlik (2001), Palácios (1999; 2002) e Mielniczuk (2003). Trabalhos como o de Palácios (1999) ou a obra organizada por Canavilhas (2014), com a participação de diferentes pesquisadores, apresentam detalhadamente as características próprias do jornalismo digital ou que foram potencializadas a partir da internet e redes digitais, nem sempre e nem todas exploradas igualmente por sites jornalísticos (PALÁCIOS, 1999). São elas:

hipertextualidade; multimidialidade; interatividade; memória ou espaço ilimitado para armazenamento de informação; *instantaneidade; atualização contínua; personalização* ou potencial para reunir, classificar e filtrar materiais disponíveis que atendam a necessidades e interesses das audiências; e *ubiquidade*, que envolve o acesso potencial das pessoas, em todo momento e lugar, a uma rede de comunicação interativa em tempo real.

Além dessas características, existem também particularidades na produção jornalística de portais, objeto empírico da presente pesquisa. Como definido por Barbosa (2003, p. 162), portais são “sites que centralizam informações gerais e especializadas, serviços de e-mail, canais de chat e relacionamento, shoppings virtuais, mecanismos de busca, entre outros”. A pesquisadora destaca que, no Brasil, os portais seguiram trajetória semelhante à que tiveram nos Estados Unidos, sendo concebidos originalmente como mecanismos de busca, a partir de onde o internauta constrói seu próprio roteiro de leitura ou hipertexto. Ainda conforme ela, entre as empresas de comunicação no país, o modelo portal conseguiu adesão quase total, sobretudo pelo potencial para convergir grandes audiências, atraindo publicidade e possibilidades de comércio eletrônico. Com tal vantagem, os portais passaram a ser vistos como os meios de massa da internet. Já no começo dos anos 2000 tornaram-se as mídias reunindo simultaneamente mais pessoas, ao lado de redes de TV aberta, até então soberanas em audiência. Essa consolidação, ressalta a autora, possibilitou a diferenciação de formatos para o jornalismo digital, já que até aquele momento a produção jornalística na web limitava-se às edições dos impressos, que eram transpostas. Entre os elementos específicos da nova categoria – jornalismo de portal – a pesquisadora cita o modelo de atualização contínua e em fluxo, que altera a própria noção e formato da notícia, e produz um texto mais fragmentado. De acordo com Barbosa (2003, p.172), apesar do aparente predomínio das editoriais ou seções de *Últimas notícias* e da fragmentação, “os mega portais têm compreendido a importância de se oferecer conteúdo diferenciado por meio de canais de reportagens especiais e artigos, explorando e aprofundando temas diversos, inclusive com participação de articulistas”.

Também em um estudo de 2003, Mielniczuk identificou formatos e espaços diferenciados para a disponibilização das notícias ou tratamento da informação jornalística nos webjornais. Além das *últimas notícias (breaknews)*, ela apontou a *cobertura cotidiana*, com matérias da cobertura rotineira do veículo, geralmente com fotos e/ou links para vídeos e áudios; e os *especiais*, com matérias de destaque na edição ou material mais extensos, os quais utilizam mais as características da *memória*, da *hipertextualidade* e *multimedialidade* na narrativa jornalística (MIELNICZUK, 2003).

Para o nosso trabalho, é também importante discutir as transformações e possibilidades anunciadas para a atividade jornalística no que diz respeito à apuração e busca por variadas fontes de informação. Em estudos do jornalismo digital nota-se que, além do potencial para novos formatos e narrativas, havia expectativas positivas, desde os anos 2000, em relação à ampliação e ao acesso a uma diversidade de fontes, assegurando a pluralidade de vozes e interpretações preconizadas para o jornalismo. Esperava-se ainda maior participação do público em comentários de notícias, sugestões de pautas e como fontes de informação. Ao discutir o ciberespaço como fonte para o trabalho dos jornalistas, Machado indicava, em 2002, que a exploração das redes digitais como fonte jornalística provoca uma mudança na perspectiva de cobertura que foge da “síndrome de declarações” (MACHADO, 2002 p. 8), fazendo com que se aprofundem os temas de interesse coletivo, recorrendo, por exemplo, ao exame de bancos de dados cada vez mais disponíveis na internet, e também incorporando pontos de vista para além de fontes oficiais e de especialistas. Na apuração e busca de fontes de informação no novo contexto, Trasel (2014, p.3-5) também destaca a importância do jornalismo de dados como fonte para notícias e reportagens. É uma forma, defende ele, de driblar a dependência das declarações oficiais e das assessorias de imprensa, permitindo interpretações independentes, novas pautas e abordagens, fundamentação e contextualização para a apuração jornalística.

Neste cenário de transformações profundas e de multiplicidade de atores produzindo e difundindo informações em variadas mídias, pesquisadores destacam-se ainda a importância da mediação jornalística. Dada a abundância de

informações disponíveis, Bardoel e Deuze (2001, p. 6-7) afirmam que “a necessidade de oferecer informações sobre informações se tornou uma adição crucial às tarefas do jornalismo”. Neste contexto, o jornalismo passa a desempenhar também o papel de *gatewatching*, através da “divulgação, contextualização e curadoria de material existente” (BRUNS, 2014, p. 232) na internet e redes sociais digitais. No jornalismo, percebem-se dois tipos de curadoria. A curadoria de informação e dados é entendida como “o processo de construção de um texto informativo por meio da coleta de dados e declarações em outros canais” informando as fontes originais (LENZI, 2020, s/p). Já a curadoria de notícias, segundo Correia (2018), é o resultado da combinação entre algoritmos e mediação humana para selecionar notícias de maior interesse de um determinado público.

A partir dos anos de 2010, principalmente, as redes sociais digitais (*Facebook, Twitter* etc.) e sua relação com a produção jornalística também passam a ocupar a atenção de pesquisadores da área. Destacam-se, entre outros aspectos, seu papel na difusão de informações e potencialização da circulação de conteúdos jornalísticos (RECUERO, 2011; ZAGO, 2012); e o uso delas na cobertura de acontecimentos por parte de veículos jornalísticos (RECUERO, BASTOS, ZAGO, 2014) ou enquanto fontes de informações para a produção de matérias e para a diversidade de perspectivas dos conteúdos produzidos (ZILLER; TEIXEIRA, 2018). De modo mais específico, a relação entre redes sociais digitais e o campo da política e do jornalismo também têm sido objeto de várias pesquisas no Brasil. Tais estudos focam no uso das redes como fontes de informação para a cobertura midiática da política (ALDÉ, 2004); na maneira como a mídia *mainstream* trata as estratégias de comunicação on-line e os conteúdos de agentes do campo político em sua cobertura jornalística, a exemplo do *Twitter* do presidente Jair Bolsonaro (REBOUÇAS, 2019); na forma como as mídias fazem a cobertura de temas políticos ou de eleições em suas redes sociais como o Facebook (CERVI, MASSUCHIN, CAMPOS, 2016). Dedicam-se ainda a investigar como os atores políticos ampliam seus canais de comunicação usando os sites de redes sociais como “mídias das fontes” (SANT’ANA, 2006) para construir imagem positiva, disputar com a imprensa o

controle da visibilidade pública e conquistar apoio ou voto (MARQUES; REBOUÇAS, 2019).

No panorama de estudos resumidamente esboçado aqui, geralmente não se discute as atividades de apuração jornalística e a mobilização de fontes acionadas para relatar e interpretar temas e acontecimentos políticos – ponto onde situamos a contribuição de nosso estudo. Como explicitado em outro trabalho (SILVA *et. al.*, 2020), há um considerável volume de pesquisas no Brasil envolvendo, direta ou indiretamente, coberturas jornalísticas de assuntos ou acontecimentos políticos. Trazem contribuições importantes sobre temáticas diversas, como a relação entre comunicação e democracia, entre mídia e esfera pública (GOMES; MAIA, 2008); o debate e deliberação de questões coletivas (MAIA, 2008; MARQUES, 2009); a atuação da imprensa contra a ordem democrática e os impasses relativos a seu papel no debate público (ALBUQUERQUE, 2017; 2019); os processos de enquadramentos de acontecimentos e temas políticos (RIZZOTTO; PRUDÊNCIO; SAMPAIO, 2017; PRIOR; GUAZINA; ARAÚJO, 2015); o estudo de editoriais de jornais e da empresa jornalística como ator político (MARQUES; MONT'ALVERNE; MIZOTO, 2019); as perspectivas para o jornalismo político (MARQUES; CERVI; MASSUCHIN, 2018), entre outros. Esperamos somar a essas contribuições, discutindo algumas especificidades de uma cobertura jornalística, como o trabalho de apuração e seleção de fontes informativas na cobertura de um acontecimento político, em um contexto no qual parte significativa da pesquisa sobre o jornalismo na web aponta uma série de possibilidades tecnológicas para diversificar e qualificar a produção de conteúdos jornalísticos no ambiente digital.

A preponderância assumida pelo jornalismo digital e, no caso de mídias empresariais, a centralidade dos portais enquanto vitrine onde considerável parte da produção jornalística brasileira é exposta, consumida e compartilhada nos anos recentes, foi o que nos motivou a investigar uma cobertura política em dois dos principais portais de notícia brasileiros na atualidade – *UOL* e *G1*. Consideramos que ambos são um *locus* importante onde observar a cobertura de um acontecimento de alta relevância social e jornalística como é o caso de uma posse presidencial. Consideradas as expectativas positivas, antes expostas, sobre as

possibilidades das tecnologias para enriquecer e qualificar a produção jornalística, ampliar a participação e a expressão de diferentes atores e perspectivas, interessa-nos investigar se e como os dois principais portais de notícia do Brasil se apropriam dessas potencialidades para a cobertura deste acontecimento político.

3. Procedimentos metodológicos

Como já mencionado, o presente estudo integra uma pesquisa mais ampla, em fase de conclusão, na qual analisamos a cobertura jornalística da posse de Jair Bolsonaro em revistas, jornais e portais de notícias. Aqui analisamos a cobertura realizada pelo *G1* e *UOL* nos dias 1º e 02 de janeiro de 2019. Pertencentes a dois dos principais grupos de comunicação no Brasil - respectivamente, *Globo* e *Folha* -, *G1* e *UOL* são portais de notícias relevantes no país. Ambos foram escolhidos também por disponibilizarem acesso gratuito às notícias publicadas e por serem líderes nos acessos a sites genuinamente brasileiros com produção jornalística. O material empírico é composto por 37 matérias jornalísticas do *G1* e 49 do *UOL*, totalizando 86 textos dos dois portais.

Aqui é importante elucidar que concebemos uma cobertura jornalística como sendo constituída tanto por materiais convencionalmente inseridos no gênero jornalismo informativo e/ou interpretativo (nota, notícia, reportagem, entrevista, perfil) quanto por aqueles situados no gênero opinativo (artigos, colunas, editorial, blogs etc.), conforme explicitado em outro trabalho (SILVA *et. al.*, 2020). No entanto, no percurso das escolhas da pesquisa sobre a posse de Bolsonaro, optamos por excluir previamente os formatos explicitamente opinativos do *corpus* deste estudo, tendo em vista que nos interessava investigar o trabalho de apuração e o acionamento de fontes de informação na cobertura realizada. Tais dimensões são pouco presentes (ou, ao menos, não são explicitadas) em parte considerável dos materiais opinativos publicados nas mídias.

Na pesquisa trabalhamos com duas modalidades (complementares) de apuração em relação à temporalidade do acontecimento (a posse presidencial), conforme detalhado em trabalho anterior (SILVA *et. al.*, 2020): a *pré-apuração*,

referente às marcas do trabalho jornalístico feito antecipadamente, já que se trata de um acontecimento programado para ocorrer em uma data específica, e tal apuração prévia indica um maior investimento na produção da matéria jornalística; e a *apuração em curso*, relativa às marcas da apuração feita *in loco*, através da presença do(a) repórter, entrevista com fontes e outros métodos utilizados na captação de informações. Entendemos que uma matéria jornalística deixa marcas de seu processo de produção, que são passíveis de serem identificadas em sua leitura.

Para a análise, além destas duas modalidades de apuração, foi elaborada uma tipologia de fontes, composta por 11 tipos que incluem tanto pessoas entrevistadas quanto diferentes materiais consultados. São eles: *Entrevistados* (Autoridades públicas, Cidadãos, Especialistas e Celebidades); *Repórter observador*; *Documentos*, *Arquivos/Estudos* (pesquisa interna à própria mídia e externa); *Coletiva de imprensa*; *Assessoria de imprensa*; *Declarações em função do cargo*, normalmente informações fornecidas através de notas publicadas; *Agências de notícias*; *Redes sociais digitais*; *Outros veículos/outros jornalistas*; e *Fontes não especificadas ou não identificadas* (SILVA *et. al.*, 2020. p. 11-12).

Na leitura das 86 matérias jornalísticas do *corpus*, analisamos como as marcas da apuração realizada, a maior ou menor presença de certas fontes, bem como os formatos utilizados revelam aspectos da produção jornalística dos portais sobre um acontecimento político. A partir deles, tensionamos a cobertura realizada com as potencialidades associadas ao jornalismo digital no que tange às suas possibilidades expressivas, à participação de variados atores e à diversidade interpretativa sobre o acontecimento político tratado.

4. Resultados da análise

Na exposição dos resultados da análise sobre a cobertura da posse de Jair Bolsonaro destacamos aspectos que consideramos mais relevantes da apuração realizada pelos portais *G1* e *UOL*, das fontes de informação acionadas e dos formatos de apresentação dos conteúdos em ambas as mídias. Interessa-nos,

sobretudo, destacar duas dimensões: o processo de apuração realizado e, ligado a ele, a utilização de fontes de informação. São dois aspectos fundamentais de uma cobertura jornalística. Primeiro, porque o investimento feito em captação e apuração das informações sinaliza a importância que uma determinada mídia atribui àquele acontecimento ou tema objeto da cobertura. Segundo, porque as fontes acionadas no levantamento de informações sinalizam a qualidade da apuração realizada para a produção das matérias e a diversidade de perspectivas na abordagem do assunto.

No que se refere aos formatos utilizados, há um predomínio de notícias entre os 86 textos jornalísticos analisados. No portal G1, das 37 matérias publicadas nos dias 1º e 02 de janeiro, 32 são notícias, três reportagens e duas notas. No UOL, também houve a primazia do formato noticioso: das 49 matérias publicadas nos dois dias, houve apenas quatro reportagens - postadas em 1º de janeiro.

A baixa presença do formato reportagem (três no G1 e quatro no UOL) já sinaliza uma cobertura bastante voltada para a factualidade e pouco dedicada ao aprofundamento dos assuntos abordados. Nem na produção postada nestes dois dias e nem nos links aos quais remetem os 86 textos analisados, identificamos outros formatos jornalísticos comumente associados às potencialidades expressivas da mensagem jornalística no ambiente digital: notícias ou reportagens fundamentadas em jornalismo de dados, especiais multimídia ou reportagem *long form* etc. Encontramos algumas matérias com infográficos, galerias de fotos e linhas do tempo, contudo, são recursos pouco explorados, tendo em vista que a apuração realizada, como veremos adiante, foi superficial. Um exemplo é a pobreza informativa de infográfico que acompanha matéria publicada no G1, em 1º de janeiro - intitulada "*Governo publica no 'Diário Oficial' exoneração de ministros do governo Michel Temer*", no qual o portal apresenta apenas foto e nome dos ministros de Bolsonaro, não explorando as potencialidades informativas da infografia.

As marcas de uma cobertura dedicada ao factual e não às possibilidades – disponíveis ao jornalismo digital – para ampliar a apuração e a apresentação dos conteúdos podem ser percebidas também pelo trabalho de *pré-apuração* e *apuração em curso* realizado pelos portais. Como pode ser visto na **tabela 1**, somente em 32 dos 86 textos analisados identifica-se trabalho de *pré-apuração*. Ou seja, um

investimento antecipado em busca de informações para o material publicado no dia 1º ou 02 de janeiro. Nas outras 51 matérias, há apenas marcas de informação levantada na *apuração em curso*, como o acompanhamento (*in loco* ou não) dos eventos e circunstâncias relacionadas à posse. São matérias jornalísticas produzidas no mesmo dia da ocorrência, sem maior investimento em checagem prévia de informações ou declarações de fontes. É o caso da matéria publicada pelo UOL no dia 1º de janeiro, intitulada “*Bolsonaro diz que missão é livrar país da corrupção e submissão ideológica*”. O texto apenas se limita a pontuar temas abordados no primeiro discurso de Bolsonaro como presidente, sem sequer incorporar o procedimento básico de contraponto com outras fontes de informação.

TABELA 1

Apuração nos portais G1 e Uol

Apuração	G1 (37 unidades)			UOL (49 unidades)			TOTAL G1 + UOL (dias 01 e 02)
	DIA 01/01	DIA 02/01	TOTAL G1 (Dias 01 e 02)	DIA 01/01	DIA 02/01	TOTAL UOL (Dias 01 e 02)	
Pré-apuração	10	16	26	6	0	6	32
Apuração em curso	16	2	18	15	18	33	51
Matérias com ambos procedimentos	5	2	7	7	3	10	17

FONTE – Grupo *Transverso* – *Estudos em Jornalismo, Interesse Público e Crítica*

Os dados permitem ver que o G1 investiu mais em *pré-apuração* (26) do que o UOL (06), mesmo considerando as matérias nas quais houve ambos os procedimentos (*pré-apuração* e *apuração em curso*). As práticas de *pré-apuração* no G1 foram mais frequentes nas matérias publicadas no dia 02 de janeiro, sinalizando um maior investimento e interesse da produção jornalística do portal sobre o dia em que o novo governo já estava começando suas atividades, do que com o acontecimento da posse propriamente dito.

Ao contrário do G1, o UOL atribuiu mais relevância ao ritual da posse em si do que ao dia em que o governo Bolsonaro começava suas ações, fazendo mais

trabalho de *pré-apuração* para as matérias publicadas no dia 1º de janeiro. Um exemplo de matéria produzida com *pré-apuração* para este dia no *UOL* é a reportagem intitulada *Cercada de restrições, posse de Bolsonaro inicia ciclo conservador no país*. Apoiando-se em várias fontes (autoridades, assessoria, documentos, discursos de Lula e de Bolsonaro, etc), ela compara os governos anteriores com a posição do novo governo, comenta previsões do discurso presidencial e do cronograma do dia da posse, trata da excessiva segurança do presidente, que inclui a possibilidade de um suposto ataque terrorista. O trabalho de *pré-apuração*, porém, não inclui fontes que discutam ou aprofundem o que o título chama de “ciclo conservador” e suas consequências para o país.

A maior atenção do *UOL* para o ritual da posse em si é evidenciada também pela criação de uma seção específica (“*Posse de Bolsonaro*”), sinalizando o destaque para os atos relacionados à transmissão do cargo e o começo de um novo governo. No entanto, em termos de *apuração*, a cobertura do *UOL* chama a atenção por ter feito ainda menos trabalho de *pré-apuração* do que o *G1*. Do total de 49 matérias do *UOL*, 33 foram compostas apenas com informações captadas no transcurso das ocorrências, reafirmando a forte ênfase na factualidade. No *UOL*, exemplo dessa extrema factualidade pode ser visto na matéria intitulada *Com Moro ovacionado, Bolsonaro assina nomeação de 21 ministros*, publicada no dia 1º. O assunto é tratado apenas com informação proveniente da *observação do repórter*, que poderia estar presente no ato ou só assistindo à cerimônia pela televisão.

Os dados sobre *pré-apuração*, *apuração* em curso e fontes utilizadas mostram que, embora os portais tenham se diferenciado em função da valorização do ritual da posse em si (*UOL*) ou do governo já empossado (*G1*), ambos não deram importância a informações sobre o perfil do novo presidente, dos novos ministros e sobre as principais políticas que os brasileiros poderiam esperar de quem estava assumindo o poder. O *G1* investiu um pouco mais em *pré-apuração* e em quantidade de fontes para as matérias publicadas no dia 02 do que no dia 1º de janeiro. No entanto, não há diversidade de fontes e nem abordagem crítica. Em que pese toda a reação que discursos e práticas de Bolsonaro já provocavam em diversos segmentos sociais e políticos brasileiros, desde muito tempo antes das

eleições de 2018, o portal *G1* pouco falou de seu perfil e sua trajetória. No dia 01 de janeiro, este portal publicou apenas uma matéria, com o título “*Jair Bolsonaro toma posse nesta terça-feira em Brasília como 38º presidente da República*”, na qual menciona, brevemente, a sua trajetória. Não se trata de uma reportagem-perfil. Pelo contrário, as informações centrais apresentam os esquemas de segurança montados para o dia da posse, as alterações no trânsito em Brasília e falam sobre os convidados estrangeiros, o roteiro da cerimônia e a transição de governos. Somente quando o relato discorre sobre a campanha eleitoral de Bolsonaro em 2018 é que citam os anos em que atuou como deputado e os partidos aos quais foi filiado. O *lead* é: “Eleito com 57,8 milhões de votos, o capitão reformado do Exército Jair Bolsonaro (PSL), de 63 anos, tomará posse nesta terça-feira (1º) como o 38º presidente do Brasil desde a proclamação da República, em 1889”. O mesmo *lead* se repete em outras duas matérias do mesmo dia, sendo o único momento – nos dois dias analisados – em que a cobertura do *G1* menciona algo da trajetória do novo presidente. Nada é dito sobre suas atividades no Exército, na vida parlamentar ou sobre atividades e posicionamentos que marcaram sua atuação política.

Assim como o *G1*, a produção do *UOL* mostra a falta de investimento e/ou interesse em oferecer aos leitores uma cobertura mais aprofundada sobre o novo presidente, seu ministério e suas políticas. Tratam-se de conteúdos que costumam ser esperados na produção jornalística sobre uma posse presidencial – um acontecimento programado. A superficialidade é ilustrada no perfil do novo presidente, esboçado pelo *UOL*, na matéria intitulada “*Cercada de restrições, posse de Bolsonaro inicia ciclo conservador no país*”. Similar ao *G1*, o *UOL* apresenta nesta matéria apenas um pequeno histórico político e um perfil pessoal de Bolsonaro, seus tempos de deputado e menção à facada recebida durante a campanha eleitoral de 2018. Dos novos integrantes do primeiro escalão empossados no dia 02 de janeiro, apenas o ministro da Economia, Paulo Guedes, teve um pouco mais de destaque na cobertura do *G1*, em especial o seu discurso de posse e informações sobre a composição das secretarias subordinadas ao ministro, com o nome e um pequeno histórico de cada secretário. Além dele, a ministra Damare Alves, do ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, mereceu breve

histórico de sua trajetória e menção a algumas ações propostas para a pasta, em matéria do *G1* intitulada “*Estado é laico, mas esta ministra é terrivelmente cristã*”, diz *Dameres ao assumir Direitos Humanos*, e publicada no dia 02. O então ministro da Saúde, Henrique Mandetta, também teve breve trajetória profissional mencionada no dia 02 pelo *UOL*, que lembrou as críticas geradas pela escolha de seu nome em razão de processo que responde por fraude e tráfico de influência. Tratamento superficial semelhante foi dado a ações e políticas do governo. Foram limitadas a uma matéria no *G1*, no dia 1º de janeiro, listando as *promessas de Bolsonaro*, cuja elaboração foi feita apenas com declarações de Bolsonaro durante a campanha eleitoral ou em entrevistas anteriores.

Deste modo, se a produção multimídia, a hipertextualidade e a memória (PAVLIK, 2001; PALÁCIOS, 1999; 2002; MIELNICZUK, 2003), são possibilidades para o jornalismo digital e de portal ir além da instantaneidade das ocorrências, ampliando e contextualizando as informações postas em circulação, tais recursos passaram ao largo da cobertura da posse de Bolsonaro. O mesmo se pode dizer das possibilidades de expressão de diferentes atores e perspectivas, como veremos a seguir.

A escolha de fontes de informação é, como diz Cremilda Medina (1986), a principal empreitada de toda pauta jornalística. Ela condiciona o tratamento e abordagem dos temas, as suas possibilidades de interpretação e produção de sentidos. Na análise das fontes acionadas pelos portais *G1* e *UOL* na cobertura da posse de Bolsonaro, quatro aspectos chamam a atenção: a média muito baixa de fontes (cerca de duas) por texto em ambos os portais; a recorrência a fontes oficiais; a invisibilidade de fontes da sociedade civil; e o uso de fontes ocultas ou não especificadas. O quadro abaixo mostra as fontes predominantes em ambos os portais, nos dois dias: *Documentos* (47), *Entrevistados* (45), *Repórter Observador* (34), *Redes Sociais* (32). Na comparação entre os dois portais, chama a atenção que o *UOL* utilizou mais fontes do tipo *Entrevistados* (38), *Documentos* (32), *Redes Sociais* (26) – *Fontes não Especificadas* (14). No *G1*, as mais frequentes foram *Repórter Observador* (17) e *Documentos* (15) – *Fontes não Especificadas* (10).

TABELA 2
Fontes utilizadas na cobertura da posse no G1 e UOL

Tipos de fonte	Portal G1	Portal UOL	TOTAIS
Documentos	15	32	47
Entrevistados	7	38	45
Repórter observador	17	17	34
Redes sociais	6	26	32
Assessoria de imprensa	10	16	26
Fontes não especificadas/identificadas	10	14	24
Arquivos/Estudos	10	10	20
Outros veículos/Outros jornalistas	3	4	7
Coletiva de imprensa	5	0	5
Declarações em função do cargo	0	0	0
Agência de notícias	0	0	0

FONTE – Grupo *Transverso* – *Estudos em Jornalismo, Interesse Público e Crítica*

Os dados sobre fontes reafirmam e evidenciam velhos e novos problemas do jornalismo, sobretudo o dedicado a cobrir o campo da política. Entre os velhos problemas, destaca-se a dependência de *fontes oficiais/autoridades públicas*, já amplamente apontada pela tradição de estudos existentes, tais como Gans (1980), Hall (1993), Miquel Alsina (2009), Schmitz (2011), dentre outros. Essa dependência aparece no G1 e UOL através do alto número de *Documentos* (47), muitos dos quais eram discursos na posse de Bolsonaro ou de seus ministros, além do uso de informações provenientes de *Assessorias de imprensa* (26) e *Coletivas de imprensa* (5). Nos discursos citados nas matérias não há contraposição ou repercussão junto a outras fontes da sociedade. É o caso da matéria intitulada *Bolsonaro promete “tirar peso do governo sobre quem trabalha e produz” e “estabelecer a ordem’ no país”*, publicada pelo G1 em 1º de janeiro. O texto jornalístico se limita a reproduzir o que foi dito por Bolsonaro sobre o que seriam desafios de seu governo: "enfrentar os efeitos da crise econômica", o "desemprego recorde", a "ideologização" das crianças, o "desvirtuamento dos direitos humanos", a "desconstrução da família", "se livrar do socialismo"; "acabar com a ideologia que defende bandidos e criminaliza policiais". Do mesmo modo, a recorrente menção a informações e declarações de autoridades via redes sociais digitais, especialmente *Twitter*, pode ser vista também como uma nova forma de expressão de fontes oficiais. No total de

32 matérias mencionando atores que se expressaram em redes sociais acerca do novo governo (26 no *UOL* e 06 no *G1*), nos dias 1º e 02 de janeiro de 2019, não foi identificado nenhum opositor ou crítico do novo governo – sejam autoridades públicas, lideranças partidárias ou cidadãos comuns. É notável na cobertura desses dois dias o silenciamento a posições críticas sobre o governo que chegava ao poder.

Em relação ao uso de fontes, importa explorar mais a fundo o uso de entrevistas pelos portais, tendo em vista sua importância enquanto método de captação e apuração de informações, tanto na preparação prévia de uma cobertura considerada relevante quanto no transcurso de um acontecimento. Tanto em termos quantitativos quanto qualitativos o uso de entrevistas foi limitado em ambos os portais. Dos 7 entrevistados pelo *G1*, 3 eram *Cidadãos*, 2 *Especialistas*, 1 *Autoridade pública*, 1 *Celebridade*. No *UOL*, com maior número, dos 36 entrevistados, 22 foram *Cidadãos*, 10 *Autoridades públicas*, 3 *Especialistas* e 1 *Entrevistado não identificado*. Todos os cidadãos comuns citados pelos portais eram apoiadores de Bolsonaro. Alguns fatores podem explicar a baixa recorrência de entrevistas com autoridades ou outras figuras políticas em geral. O cerceamento à livre circulação de jornalistas nos locais da posse de Jair Bolsonaro, assim como a existência de redações jornalísticas cada vez mais reduzidas em termos de profissionais contratados, podem explicar o baixo número no dia primeiro de janeiro. Mas somente este segundo fator e, sobretudo, a linha editorial da mídia jornalística poderiam ajudar a explicar a não entrevista com variadas figuras públicas e com especialistas (cientistas políticos, sociólogos etc.) em uma apuração previamente planejada e feita antes do dia da posse, considerando que se trata de um acontecimento programado.

Não há pluralidade de vozes e de perspectivas entre as fontes utilizadas pelos dois portais. No *G1*, as autoridades entrevistadas falaram sobre o trivial da cerimônia: o número de participantes, de jornalistas e de agentes de segurança no evento ou ainda acerca da organização da posse em geral. No *UOL*, as autoridades ouvidas eram principalmente parlamentares aliados de Bolsonaro, manifestando suas expectativas positivas em relação ao novo governo. É o caso dos senadores Flávio Bolsonaro (PR) e Major Olímpio (PSL), falecido em março de 2021; dos

deputados Eduardo Bolsonaro e Rubens Bueno (PPS); e do prefeito de Salvador, ACM Neto, cujo partido (DEM) tinha à época três ministros no novo governo. Já os três registros de entrevistas com fontes classificadas como *especializadas* referem-se apenas à artista plástica Lilia Pereira Lobo, que confeccionou um boneco de Bolsonaro com a faixa presidencial e usou o próprio cabelo na obra; e à estilista Marie Lafayette, responsável pelos vestidos usados pela primeira-dama Michelle Bolsonaro durante a cerimônia, que foi entrevistada em duas matérias: “*Redes exaltam discurso de primeira-dama e vestido repetido de Marcela Temer*”, publicada no dia da posse; e “*O que os vestidos de Michelle na posse dizem sobre a primeira-dama*”, publicada no dia seguinte. Em geral, no UOL, é esse tipo de assunto em que há um pouco mais de investimento em pré-apuração, mesmo que isso signifique apenas uma entrevista um pouco mais expandida. Tais assuntos nos levam a indagar também a respeito dos temas pautados pelos portais para a cobertura de um acontecimento da relevância política e social como a posse de um novo governante. Como já dito antes, é notável a ausência de matérias com aprofundamento mínimo sobre as propostas do novo governo para o país.

Outro aspecto a destacar – relacionado às possibilidades de incorporar pluralidade de perspectivas à cobertura jornalística, diz respeito ao uso das redes sociais digitais. Como mostram alguns pesquisadores (ZILLER; TEXEIRA, 2018; RIZZOTTO; SARAIVA; NASCIMENTO, 2019), as redes podem servir, ao menos em termos potenciais, como fontes para ampliar e diversificar entendimentos sobre os fatos e abordagens para além das posições oficiais, ampliando o debate público. Na prática, porém, a inserção dessas posições diversas nos conteúdos da cobertura da política continua passando pelo filtro político-ideológico das linhas editoriais das mídias e/ou de concepções pessoais de jornalistas na escolha das fontes e das interpretações que ganharam visibilidade. O G1 utilizou menos *redes sociais*: 06 registros em um universo de 78 referências a fontes em geral nos dois dias analisados. No UOL, esse uso foi bem mais significativo: 26 registros, atrás apenas de *Entrevistados* (38) e *Documentos* (32), em um universo total de 157 referências a fontes em geral. O modo como as redes sociais foram usadas enquanto fontes de informação nos dois portais nos ajuda a compreender melhor o que esse uso pode

estar representando para a qualidade e diversidade (ou não) na apuração jornalística. Pelos dados da pesquisa, as *Redes Sociais*, assim como a significativa recorrência à *Pesquisa interna/informação já dada* pela própria mídia (10 no G1 e 10 no UOL) e as informações provenientes de *Outras Mídias/Jornalistas* (03 no G1 e 04 no UOL) parecem apontar para novos problemas da produção do jornalismo, que podem ser melhores investigados e aprofundados em pesquisas específicas.

O primeiro desses problemas é que as informações utilizadas pelos jornalistas a partir das *redes sociais* – sobretudo o *Twitter* por suas características próprias (mensagens curtas) e sua maior presença em acontecimentos políticos – parece alimentar, na atualidade, o chamado jornalismo declaratório: prática jornalística que se limita a divulgar declarações de fontes oficiais, geralmente sem checagem prévia de sua veracidade e/ou de apresentação de contraponto com outras fontes. Neste sentido, parece compreensível que não tenhamos encontrado, na cobertura do G1 e do UOL, marcas de apuração de informações provenientes de *Declarações dadas em função do cargo ocupado*. É possível que tais declarações, tradicionais na cobertura do jornalismo político e de uso exacerbado especialmente a partir dos anos 90, estejam sendo substituídas e potencializadas, na produção jornalística atual, pelos *tweets* de autoridades públicas ou de figuras com algum reconhecimento público-político. Trata-se de uma característica importante não só da comunicação política de governos como de Bolsonaro ou do ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Ela está cada vez mais presente como substituta de entrevistas, conferindo uma nova roupagem para o jornalismo declaratório e garantindo facilmente “as aspas” que muitos jornalistas buscam para suas matérias e as mídias para suas manchetes.

Na cobertura do UOL sobre a posse, o uso de *redes sociais* está presente principalmente em matérias com declarações de Bolsonaro e de outras personalidades dentro e fora da política, como o deputado Flávio Bolsonaro, filho do presidente, que publicou, via *Twitter*, que “uma nova era começa para o Brasil e os brasileiros” ao responder mensagem do então presidente dos EUA, Donald Trump parabenizando o presidente brasileiro pela posse; o jornalista Alexandre Garcia, que negou em seu perfil, na mesma rede social, ser porta-voz do novo governo

afirmando “querer ser de todos”; e a ilustradora catarinense Gisele Daminelli, citada por ter publicado, também via *Twitter*, uma série de desenhos homenageando Bolsonaro, a maioria remetendo a momentos da posse. Chama atenção o fato de, algumas vezes, tal declaração em *rede social* ser a única fonte em matérias com textos curtíssimos. Também no *G1* é notável que parte considerável de citações de fontes entrevistadas tenha sido retirada de publicações em redes sociais, como *Facebook* e sobretudo *Twitter*, principalmente as de autoridades internacionais. Foi o caso do então presidente dos EUA, Donald Trump, que elogiou o discurso de posse de Bolsonaro; e do Primeiro-Ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, que agradeceu a recepção em Brasília e publicou uma foto de sua chegada no *Twitter*. *E também* do próprio Bolsonaro, como a matéria publicada no *UOL* de título *No Twitter, Bolsonaro reclama de “fake news” e usa bordão militar*. Além disso, as citações vêm de entrevistas dadas a outros veículos jornalísticos ou em situação de entrevistas coletivas à imprensa, normalmente na forma do rápido “quebra-queixo”. Na cobertura de um acontecimento político nesses dois portais hegemônicos, portanto, não parece que a entrevista esteja, de fato, cumprindo seu papel de impulsionar o debate e o diálogo social (MEDINA, 1986).

Este aspecto nos remete a um segundo problema a ser melhor investigado: a possível perda de centralidade da entrevista enquanto método de apuração de informações e de expressão de diferentes atores sociais - pelo menos no âmbito da produção de portais de notícias e, sobretudo, da cobertura de um acontecimento político. De modo geral, a recorrência a entrevistas por ambos os portais foi limitada, como já mostrado, embora no *UOL* tenha sido um pouco maior que no *G1*, principalmente pelo número de cidadãos comuns, apoiadores de Bolsonaro, facilmente acessíveis e rapidamente entrevistados no local da posse. Nesta cobertura, a perda de centralidade de entrevistas pode ser verificada pela relação entre o baixo número de entrevistados (como autoridades e figuras públicas diversas, especialistas, cidadãos comuns etc.) e os outros dados levantados – como a considerável recorrência às assessorias de imprensa, às informações já dadas pela própria mídia ou por outras; às declarações provenientes de redes sociais; e às informações cuja fonte sequer foram explicitamente identificadas.

Tanto o crescente uso das redes sociais enquanto fonte de informação, sobretudo o *Twitter*, quanto uma possível perda de importância da entrevista enquanto método de apuração jornalística e de expressão de diferentes atores, tensionam o propagado potencial da internet e das redes sociais digitais para diversificar e ampliar as possibilidades de produção no jornalismo. Tal potencial não parece ser utilizado, a julgar pelo verificado nesse estudo sobre o modo como os portais *G1* e *UOL* realizaram a cobertura de um acontecimento político programado e de grande repercussão social. O caso aqui analisado não traz evidências empíricas que sustentem visões ingênuas e acríticas sobre os ganhos que essas novas possibilidades técnicas estão trazendo para a cobertura jornalística da política. Ao contrário.

Observa-se, na cobertura da posse, que os usos da internet e das redes sociais digitais pelo jornalismo convencional reforçam problemas históricos e têm criado outros, como mencionamos anteriormente. Reforçam o oficialismo de conteúdos e interpretações em função das fontes selecionadas e dão nova roupagem ao jornalismo de declarações. Além disso, fazem recircular e repetir os mesmos temas e abordagens já trabalhados pela mesma mídia ou por outro veículo jornalístico – terceiro problema constatado a partir dos dados desse estudo e que poderá ser melhor investigado em outra pesquisa. A inexistência de fontes do tipo *Pesquisa externa/Estudos* e um constante uso tanto de *Pesquisa interna/informação já dada pela própria mídia* (total de 20 nos dois portais) quanto de informação publicada por *Outras mídias* (total de 07), no *G1* e no *UOL*, são reveladores dessa refritagem de conteúdos já dados a partir das mesmas fontes e abordagens.

Tal problema mantém a vigência ainda do termo “jornalista sentado”, cunhado no começo dos anos 2000 por pesquisadores franceses (PEREIRA, 2004) para se referir a práticas profissionais acomodadas a reescrever informações já existentes, sem esforço de apuração, como as provenientes de assessorias ou as surgidas com o advento da internet e do jornalismo em rede. Um exemplo extremo dessa forma de produção nos portais é dado por matéria do *UOL* postada no dia da posse, que nos leva, inclusive, a relativizar os dados sobre uma considerável quantidade de informações provenientes da presença *in loco* do *Repórter Observador* (17 no *G1* e

17 no UOL). A notícia intitulada *Cavalo se assusta durante desfile em carro aberto de Bolsonaro* permite deduzir marcas de *apuração em curso*, mas, de fato, o jornalista não estava no local do acontecimento, em Brasília. O profissional que assina a matéria estava em São Paulo, provavelmente assistindo a posse ao vivo pela televisão.

Além da constante republicação do que já foi divulgado em outras mídias, com pouca atualização ou aprofundamento em relação ao que já foi dito (o que relativa ou problematiza a *atualização constante* indicada como uma das características do jornalismo online, as possibilidades de ampliação de fontes no ciberespaço e de aprofundamento em formatos não apenas noticiosos e factuais), nossa pesquisa indica um quarto problema a ser melhor investigado em pesquisa específica. Trata-se da não identificação ou especificação das fontes de informação utilizadas por parte da produção jornalística. É um aspecto comum a ambos os portais aqui estudados. As informações provenientes de *Fontes não especificadas ou não identificadas* aparecem em 6º lugar no ranking geral de fontes mais utilizadas em ambos os portais, como explicitado antes na **Tabela 2**. Um exemplo é a matéria do UOL intitulada *Estrela do governo, Moro mantém descrição em dia de posse de Bolsonaro*, que traz informações sobre a segurança de Sérgio Moro e uma polêmica envolvendo o juiz Marcelo Bretas, também da Lava-Jato. Essa matéria cita apenas redes sociais e uma entrevista com Bretas, mas há várias informações cujas fontes não são identificadas.

É importante destacar que as informações provenientes dessas *fontes sem identificação/especificação* não são aquelas em que explicitamente o(a) repórter esclarece aos leitores que a identidade da fonte está sendo preservada, a pedido, conforme previsto nos manuais do jornalismo e no código de ética dos jornalistas, que assegura o sigilo de fonte. Tratam-se de informações retiradas de outra fonte (assessoria de imprensa, outras mídias jornalísticas e sites institucionais, informação já dada pelo próprio veículo, conversas de bastidores etc.), que não é referenciada e especificada na matéria jornalística, seja por descuido ou por ação proposital. Há vários casos identificados nos materiais analisados do G1 e do UOL nos quais são usadas declarações entre aspas de ministros sem explicitar em que contexto foi

captada a declaração: se em entrevista coletiva pré-agendada, discurso público, se foi retirada de uma outra mídia jornalista ou se foi proveniente de entrevista “quebra-queixo” ao final da cerimônia de posse.

É provável que essa prática seja potencializada pela própria facilidade de acesso que a internet possibilita a diferentes conteúdos e, eventualmente, já apurados por outras mídias jornalísticas. Poderia-se investigar a hipótese de que este novo contexto sócio-técnico está estimulando um jornalismo de fontes ocultas: um conjunto de informações provenientes de fontes não identificadas, possivelmente resultado de uma curadoria de conteúdos de outros espaços midiáticos. No entanto, é uma curadoria que coleta dados e declarações em outros meios, mas não informa as fontes originais. Tal prática, além de sepultar *a priori* possibilidades de ampliar conteúdos, fontes e abordagens, aponta para uma falta de transparência com o leitor, que não fica sabendo de onde foram retiradas as informações. Uma falta que compromete também a qualidade e credibilidade da informação jornalística.

5. Conclusões

A análise da cobertura da posse presidencial de Jair Bolsonaro nos dois principais portais de notícias no Brasil – *G1* e *UOL* – mostra que ambos não exploraram as possibilidades associadas ao jornalismo digital para qualificar seus conteúdos, com diversificação de formatos, aprofundamento em formas de apuração e ampliação de interpretações sobre o acontecimento político tratado.

No que se refere aos formatos, tanto no *G1* quanto no *UOL* predominam notícias pouco aprofundadas, com pouca ou inexpressiva apropriação das características de hipertextualidade, multimídia e memória, associadas a possibilidades de aprofundamento dos conteúdos no webjornalismo. Em que pese o fato de que a chegada de um novo governo ao poder é um acontecimento programado e com significativo impacto social - o que permitiria e/ou demandaria a produção de reportagens mais densas -, ambos os portais priorizaram a factualidade e a instantaneidade das ocorrências. Deram à posse de Bolsonaro um tratamento

semelhante ao de uma cobertura rotineira de um acontecimento qualquer, com uma cobertura limitada, precária e pouca crítica.

O trabalho de apuração realizado pelos dois portais em nada se aproxima da exploração do ciberespaço como fonte para aprofundar temas de interesse coletivo, fugir do jornalismo de declaração, recorrer a bancos de dados, ir além das fontes oficiais e das assessorias de imprensa e incorporar outras interpretações e contextualizar os assuntos tratados. A apuração realizada pouco investiu em trabalho prévio ao acontecimento, mostrando uma cobertura acomodada. Recorreu a fontes mais rapidamente acessíveis no transcurso do acontecimento - sejam autoridades públicas, assessorias, discursos oficiais ou cidadãos comuns manifestando apoio a Bolsonaro. As entrevistas foram limitadas e incluíram sobretudo fontes oficiais e/ou apoiadores do novo governo. Mesmo as redes sociais digitais, tidas como possibilidade de ampliação de perspectivas sobre temas e acontecimentos, foram utilizadas apenas para a captação de declarações de fontes oficiais e/ou governistas. Além de reforçar a hegemonia de fontes oficiais no relato do acontecimento, a cobertura dos dois portais reforça a prática de difundir declarações sem checagem prévia ou incorporação de contrapontos. Propaga informações não verificadas ou mesmo incorretas, como as contidas no discurso oficial de Bolsonaro, o que leva a indagar sobre a relação deste tipo de produção jornalística com a difusão de notícias falsas.

Diversos fatores podem ajudar a explicar a cobertura realizada pelos dois portais e os seus limites para auxiliar o público a compreender os sentidos daquele acontecimento e de suas consequências. Entre eles, cita-se o enxugamento de redações tradicionais, a precarização do trabalho nas organizações midiáticas, a formação e acomodação de profissionais - fatores nem sempre considerados pelo otimismo da pesquisa que enfatiza os potenciais das tecnologias para o jornalismo. Menos considerado ainda é o peso político e ideológico na linha editorial dessas mídias. Neste sentido, é notável que, embora os portais tenham se diferenciado sobretudo em função da valorização do ritual da posse em si (*UOL*) ou do governo já empossado (*G1*), a cobertura feita por ambos tem vários aspectos em comum,



inclusive naquilo que eles não deram visibilidade. É o caso do quase total silenciamento de vozes divergentes ou posicionamentos críticos ao novo governo. Ocorrida em um contexto de grande polarização política na sociedade brasileira, a cobertura da posse no *G1* e no *UOL* nos dois dias analisados sugere justamente o contrário: a inexistência de outras vozes e críticas ao grupo e à política que chegava ao poder, como se chegassem embalados pelo consenso e harmonia social. É o caso também do silenciamento da trajetória e do perfil de Bolsonaro e sobre a direção das políticas a que ele já apontava. Algo relativamente acessível para a produção, sobretudo em se tratando de figura pública bastante conhecida quanto já era Jair Bolsonaro, embora alguns agentes jornalísticos hoje tentem eventualmente demonstrar surpresa em relação às posturas e ações do presidente.

Referências

- ALBUQUERQUE, A. Protecting democracy or conspiring against it? Media and politics in Latin America: A glimpse from Brazil. **Sage Journals**, New York, v. 20, p. 906-923, 2017.
- ALBUQUERQUE, A. O papel da imprensa no debate público: impasses contemporâneos. *Cadernos Adenauer*, São Paulo, v. 10, p. 11-25, 2019.
- ALDÉ, A. Jornalistas e Internet: a rede como fonte de informação política. Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 4., 2004, Rio de Janeiro. **Anais eletrônico...** Rio de Janeiro: INTERCOM, 2004. Disponível em: <<https://corta.ai/cyGgn>>. Acesso em:
- ALSINA, Miguel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- BARBOSA, Suzana. Jornalismo de portal: novo formato e categoria para o jornalismo digital. In: MACHADO, E. e PALACIOS, M. (Org.). **Modelos de jornalismo digital**. Salvador. Edições GJOL, Calandria, 2003, pp.162-186.
- BARDOEL, J.; DEUZE, M. Network Journalism: Converging Competences of Media Professionals and Professionalism. **Australian Journalism Review**, v. 23, n. 2, p. 91-103, 2001.
- BRUNS, A. Gatekeeping, gatewatching, realimentação em tempo real: novos desafios para o jornalismo. **Brazilian Journalism Research**. v. 11, n. 2, p. 224-247, 2014.
- CANAVILHAS, J. (Org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: LabCom, 2014.
- CERVI, E. U.; MASSUCHIN, M. G.; CAMPOS, E. Personalismo e partidarismo em perspectiva comparada nas postagens do Facebook: uma análise da cobertura eleitoral nas fanpages dos principais jornais durante as eleições de 2014 no Brasil e de 2015 na Espanha. In: Encontro Anual da Compós, 25. 2016, Goiânia. **Anais eletrônico...COMPÓS**, 2016. Disponível em: <<https://corta.ai/xIEaAf>>. Acesso em: 26 jan. 2021
- CORREIA, C. M. B. **A taxonomia da curadoria de conteúdo no jornalismo móvel digital: uma análise do aplicativo Flipboard**. 2018. 150 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Sociedade) - Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2018.

- DEUZE, M.; PRENGER, M. (Org.) **Making media: production, practices and professions**. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2018.
- HALL, Stuart *et al.* A produção social das notícias: O mugging nos media. In: TRAQUINA, N. (Org.) **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993, p. 224-248.
- LENZI, A. O valor da curadoria digital no jornalismo em tempos de pandemia. **Observatório da Imprensa**, 2020. Disponível em: <<https://corta.ai/MJK2I>>. Acesso em: 17 fev 2021.
- MACHADO, Elias. O ciberespaço como fonte para os jornalistas. **Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação – BOCC**. Portugal, 2002. p. 1-11.
- MARQUES, F.P.J.A.; REBOUÇAS, H. Quando o Jornalismo e as fontes disputam o controle da visibilidade pública: a cobertura do jornal O Povo sobre a fanpage de Cid Gomes. **INTERCOM (SÃO PAULO. IMPRESSO)**, v. 42, p. 93-111, 2019.
- MARQUES, F. P. J.; CERVI, E. U.; MASSUCHIN, M. G. Perspectivas para o jornalismo político. In: MARQUES, F. P. J. et al. (org.). **Estudos sobre Jornalismo Político**. Curitiba: CPOP, 2018. p. 239-258. Disponível em: <<https://corta.ai/V8XQi>>. Acesso em: 25 jun. 2020.
- MARQUES, F. P. J. A.; MONT’ALVERNE, C.; MITOZO, I. B. Editorial journalism and political interests: Comparing the coverage of Dilma Rousseff’s impeachment in Brazilian newspapers. **Journalism, Thousand Oaks**, v. 1, p. 1-20, 2019.
- MEDINA, C. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Summus, 1986.
- MIELNICZUK, Luciana. Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na web. In: MACHADO, E. e PALACIOS, M. (Org.). **Modelos de jornalismo digital**. Salvador. Edições GJOL, Calandria, 2003.pp.37-54.
- PALÁCIOS, M. Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo online: olugar da memória. In: MACHADO, E. e PALACIOS, M. (Org.). **Modelos de jornalismo digital**. Salvador. Edições GJOL, Calandria, 2003.pp.13-36.
- PAVLIK, J. **Journalism and new media**. Nova Iorque: Columbia Press, 2001.
- PEREIRA, F. H. O “jornalista sentado” e a produção da notícia on-line no Correio Web. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 95-108, 2004.
- REBOUÇAS, H. Quando o Twitter pauta o jornal: análise da cobertura da Folha de S. Paulo sobre o perfil de Jair Bolsonaro. In: Encontro Nacional de pesquisadores em jornalismo, 17., 2019, Goiânia. **Anais eletrônico...** SBPjor, 2019. Disponível em: <<https://corta.ai/g5aSw>>. Acesso em: 22 abr 2021
- RECUERO, R. Deu no Twitter, alguém confirma? Funções do Jornalismo na Era das Redes Sociais. In: Artigo apresentado no congresso da SBPjor. Rio de Janeiro: novembro de 2011. Disponível em: <encurtador.com.br/alqDS>. Acesso em: 07 abr. 2020
- RIZZOTTO, Carla; PRUDENCIO, Kelly; SAMPAIO, Rafael Cardoso. Tudo normal: a despolitização no enquadramento multimodal da cobertura do impeachment de Dilma Rousseff. **Comunicação & Sociedade**, v. 39, n. 3, p. 111-130, 2017.
- SANT’ANNA, Francisco. **Mídia das fontes: o difusor do jornalismo corporativo**. BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, Lisboa, 2006.
- SILVA, G *et al.* Análise da apuração jornalística na cobertura da posse de Jair Bolsonaro. **Novos Olhares**, v. 9(2), p. 7-20, 2020.
- SCHMITZ, Aldo. **Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo**. Combook, 2011.
- TRASEL, M. Jornalismo guiado por dados: aproximações entre a identidade jornalística e a cultura hacker. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. v. 11 n. 1, 2014.
- ZAGO, G. S. Circulação Jornalística Potencializada: o Twitter como espaço para filtro e comentário de notícias por interagentes. **Comunicação & Sociedade**, v. 34, n. 1, p. 249-271, 2012..
- ZILLER, J.; TEIXEIRA, N. Instrumento de ação jornalística: processos de pesquisa e apuração. In: LEAL, B. S. (org.). **Formação em Jornalismo: da prospecção dos acontecimentos à edição**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. p. 41-48.